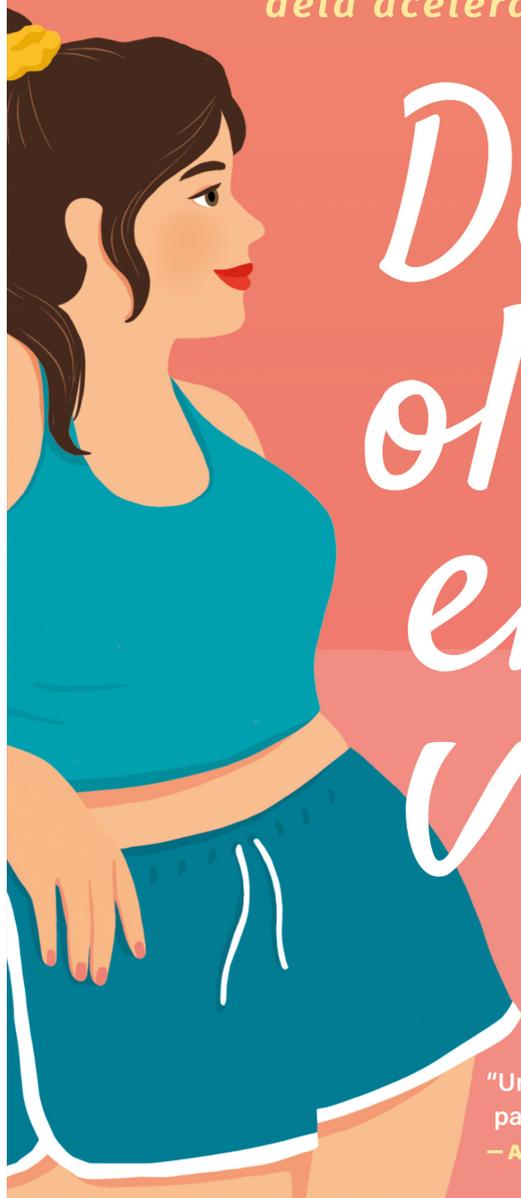


AMY LEA

*Ele faz o coração
dela acelerar*



De
olho
em
você



*"Uma homenagem a todos nós que lutamos
para nos aceitar e nos amar como somos."*

— ALI HAZELWOOD, autora de A hipótese do amor

*De
olho
em
você*

Título original: *Set On You*

Copyright © 2022 por Amy Lea

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Berkley, um selo do Penguin Publishing Group,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Livia Cabrini e Suelen Lopes

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação de capa: Natali Nabekura

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L467o

Lea, Amy

De olho em você / Amy Lea ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. -
São Paulo : Arqueiro, 2023.

320 p. ; 23 cm.

Tradução de: Set on you
ISBN 978-65-5565-433-2

1. Romance americano. I. Clapp, Roberta. II. Título.

22-80527

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados no Brasil por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*A todas as pessoas que raramente se veem
representadas em livros e filmes.*

*A todas as pessoas que não correspondem
aos padrões de beleza convencionais.*

*Vocês merecem uma história de amor inesquecível.
Todo mundo merece.*

nota da autora

A você que me lê:

Não tenho palavras para agradecer por ter escolhido minha comédia romântica de estreia, *De olho em você*, como sua próxima leitura. Embora este livro seja escrito de forma leve, bem-humorada e sarcástica, seria negligência da minha parte não informar sobre as questões sensíveis que serão abordadas aqui: gordofobia; cyberbullying, com referências a racismo; cultura fitness/dieta; e câncer.

A jornada de Crystal, uma mulher chinesa, birracial e cujo corpo não corresponde ao padrão estético da nossa sociedade, é uma experiência única e fictícia, filtrada pela minha visão de mundo enquanto sino-canadense criada em uma comunidade predominantemente branca.

É inegável a importância de retratarmos protagonistas de todos os grupos marginalizados que praticam o amor-próprio e o *body positive*, principalmente em romances. Da mesma forma, Crystal não é uma protagonista que precisa aprender a se amar e se respeitar, porque já o faz. Dito isso, o livro explora a sutileza – o “meio do caminho” – que há no fato de o amor-próprio não ser algo tangível que, ao ser alcançado, conseguimos sustentar para sempre. Amar a si mesmo o tempo inteiro, todos os dias, é uma jornada individual, com resultados muito diferentes para cada um.

Em *De olho em você*, tentei evitar representações do aspecto nocivo da cultura fitness. Crystal defende que malhar é um dos *inúmeros* meios de se ter um estilo de vida saudável e equilibrado, então ela não conta calorias nem monitora o peso. No entanto, o próprio tema – a cultura fitness e o universo das academias – pode ser um gatilho para algumas pessoas.

Como eu disse na dedicatória, este livro é minha carta de amor a todo mundo que, como eu, não se vê representado com frequência na mídia em geral. Em uma indústria faminta por representação, não assumi essa responsabilidade de forma negligente e consultei leitores beta e sensíveis enquanto escrevia este romance. Entretanto, não sou perfeita e enfatizo que as experiências fictícias aqui retratadas não pretendem definir nem representar uma única comunidade ou grupo marginalizado.

Com amor,
Amy

capítulo um

NA TEORIA, A ACADEMIA deveria ser meu espaço seguro. O lugar onde desestresso, recarrego as energias e reflito sobre mistérios aleatórios, tipo: como assim eu achava que estava arrasando com aquele cabelo reparado ao meio lá por volta de 2011?

Pelo mesmo motivo, estou igualmente horrorizada e chocada com o fato de Joe, meu casinho pós-término do Tinder, ter brotado bem na esteira à minha direita.

Eu me preparo para dar um oi constrangido e atrapalhado, mas por sorte a atenção dele parece fixa no painel da esteira. Enquanto ele aperta o botão para aumentar a velocidade, sinto cheiro de cachorro molhado. De forma não muito sutil, ele olha na minha direção antes de desviar os olhos.

Joe do Tinder tinha feito, sim, a gentileza de me pedir um Uber depois da nossa noite sem graça duas semanas atrás. Mas é realmente uma coincidência enorme malharmos na mesma academia morando em uma cidade do tamanho de Boston. Será que ele anda me stalkeando? Ou será que me achou muito boa de cama? Tão boa a ponto de colocar o FBI atrás de mim, descobrir qual academia eu frequento e encenar um encontro casual? Dada a minha presença nas redes sociais, é algo bem possível.

Sempre que tem uma oportunidade, meu pai me alerta sobre os perigos de postar meu paradeiro no Instagram, para que eu não acabe sendo sequestrada e vendida como escrava sexual, no estilo *Busca implacável*. Sendo que meu pai não é o Liam Neeson e não tem “habilidades especiais”, a não ser sua lendária receita de frango com gergelim. E enquanto a Excalibur Fitness Center continuar me oferecendo a permuta da mensalidade por divulgação no Instagram, estou disposta a arriscar.

Joe do Tinder e eu cruzamos olhares mais uma vez enquanto recupero o fôlego no intervalo depois de um sprint. Esse olhar compartilhado dura dois segundos a mais do que o confortável, e não posso deixar de notar como seu cabelo perfeitamente penteado no estilo boy band permanece – de forma bastante suspeita – cem por cento intacto a cada passo de girafa que ele dá. Se ele me stalkeou ou não, meu primeiro instinto é sair correndo da esteira.

E é isso que faço.

Encontro abrigo no Setor dos Marombeiros, também conhecido como área de treinamento de força. Sendo frequentadora assídua da academia, troco acenos respeitosos com os outros alunos ao entrar. Um bando de universitários bombados já um tanto familiares perambula perto do supino enquanto bebem litros de shakes de proteína como se estivessem à beira da desidratação. Hoje, eles estão usando aquelas camisetas neon constrangedoras, supercavadas nas axilas. Dando o devido crédito, eles são bastante dedicados aos treinos. E depois de vislumbrar meu eu suado e vermelho como um tomate no espelho que cobre a parede de ponta a ponta, sob uma forte iluminação fluorescente, não estou em posição de julgar.

Sentado no supino, um cara com as pernas arreganhadas grunhe com exagero antes de atirar os halteres no chão com estrondo. Em geral, isso me irrita profundamente, mas estou muito ocupada saltitando rumo a uma visão majestosa demais para me importar. Meu precioso rack de agachamento está livre. Deus seja louvado!

O aparelho fica ao lado da janela e é um dos poucos desse tipo na academia. Possui vista panorâmica para um bar meio grunge do outro lado da rua que há anos serve de fachada para uma gangue de motoqueiros violentos. A luz natural é ideal para filmar meus treinos, ainda mais se comparada à outra opção disponível: um rack que fica no canto escuro ao lado do vestiário masculino e está sempre fedendo a desodorante.

O aparelho da janela fica perto o suficiente do gigantesco ventilador para permitir que eu saboreie uma brisa forte no meio daquele suadouro, mas não o bastante para me fazer sucumbir à hipotermia induzida pelo vento. Também tem uma posição privilegiada para que possamos encarar boquiabertos a televisão, que, por razões desconhecidas, vive num canal de culinária. Venero este rack de agachamento do jeito que a Mamãe

Gothel idolatra o cabelo mágico da Rapunzel. Ele me enche de vida. De vigor. Quatro séries de agachamento e fico chapada de endorfina pelo resto do dia, fantasiando sobre a força das minhas coxas esmagando a alma de mil homens.

Eufórica com esse pensamento, deixo clara minha intenção de usar o rack colocando o celular e os fones de ouvido no chão antes de ir até o bebedouro. Um homem de cavanhaque, com short cargo na altura do joelho e um legítimo walkman da Sony dos anos 1990, se aproxima ao mesmo tempo que eu. Ele graciosamente me cede a vez.

Dou um sorriso de gratidão.

– Obrigada.

Passo apenas três segundos de costas para a janela enquanto bebo um pouco d'água. Recém-hidratada e ansiosa para fazer meus agachamentos, viro e dou de cara com uma figura de ombros excepcionalmente largos se alongando bem na frente do aparelho.

Nunca vi esse cara antes e tenho certeza de que lembraria se tivesse visto. Ele é alto, bem mais de 1,80 metro, e tem uma massa muscular que preenche toda sua despretensiosa camiseta cinza e o short esportivo. Uma olhada em seus imensos bíceps e fica claro que ele não costuma faltar aos treinos. Um boné preto com um logotipo irreconhecível faz sombra em seu rosto. De perfil, o osso do nariz tem uma leve protuberância, como se já tivesse sido quebrado.

Eu me aproximo dele para pegar meu celular, demorando alguns segundos a mais para transmitir a mensagem de que o rack está OCUPADO. Ele não entende o recado e, em vez disso, começa a ajustar as mãos enormes na barra, as sobrancelhas franzidas em intensa concentração.

Ou ele está me ignorando de propósito ou de fato não notou minha presença. A batida da música que está escutando vaza dos fones de ouvido. Não consigo identificar qual é, mas percebo que é pesada, uma espécie de trilha sonora heavy metal para levantamento de peso.

Dou um pigarro. Nenhuma reação.

– Com licença – digo, chegando mais perto.

Quando o olhar dele encontra o meu, dou um pulo, recuando instintivamente meio passo para trás. Os olhos são de um verde impressionante, como uma floresta de pinheiros surgindo em meio à nevoa em uma região

montanhosa intocada. Não que eu já tenha estado em um lugar assim. Meu contato com a natureza selvagem se limita ao Discovery Channel.

Estou praticamente hipnotizada pela intensidade desses olhos até que ele vocifera um “Sim?”, antes de remover com relutância o fone de ouvido direito. Sua voz é grave, rouca e abrupta, como se ele não tivesse tempo a perder comigo. Por um momento, o homem ergue o boné, revelando mechas onduladas e louras que cacheiam na altura da nuca. Lembra muito os cabelos desgrenhados dos jogadores de hóquei, que despertam na gente um desejo incontrolável de tocá-los. E é exatamente isso que ele faz. Minha garganta fica seca no mesmo instante que ele alisa os fios grossos com uma das mãos antes de deixar o boné cair de volta.

Ignorando o frio na barriga que me acomete, aceno em direção aos fones de ouvido largados às pressas na base do rack.

– Eu estava aqui.

Com indiferença, ele arqueia uma sobrancelha, me olhando com desprezo, como os marombeiros tendem a fazer sempre que uma mulher se atreve a tocar em algum equipamento que consideram ser *deles*.

– Não vi as suas coisas.

Sem me deixar intimidar por seu menosprezo, dou um passo à frente com confiança, reivindicando meu direito ao aparelho. Quando estamos praticamente cara a cara, ele cresce para cima de mim feito um colosso, o que é mais intimidador do que eu imaginava. Fico na expectativa de que ele recue, que se dê conta de seu comportamento reprovável, que perceba que está sendo um babaca, mas ele nem se abala.

Engolindo o nó na garganta, consigo projetar a voz mais uma vez:

– Vou levar só uns minutinhos, no máximo. Será que a gente pode re-vezar, pelo menos?

Ele dá um passo para o lado. Por um segundo, acho que está indo embora. Estou prestes a agradecer pela gentileza e simpatia... até que ele se atreve a colocar uma anilha de vinte quilos de um dos lados da barra, o bíceps tensionado contra o tecido da camiseta.

– Sério?

Eu o encaro, as mãos na cintura, o olhar pousando em seus lábios grossos e macios, que contrastam com o maxilar quadrado com a barba por fazer.

– Olha só, eu preciso estar no trabalho daqui a meia hora. Você não pode simplesmente usar o outro rack? Tá livre.

Enquanto equilibra a barra para colocar uma anilha do outro lado, sem um pingo de constrangimento sequer, ele mal olha para mim, como se eu não fosse nada além de uma mosquinha irritante.

Eu me orgulho de ser uma pessoa gentil. Aceno para dar passagem aos carros à minha frente nos cruzamentos, mesmo que a preferência seja minha. Sempre insisto que os outros saiam do elevador primeiro, como meus pais me ensinaram. Se ele ao menos tivesse sido educado, simpático, ou tivesse no mínimo se desculpado, eu teria deixado que ele ficasse com o aparelho. Mas ele não é nenhuma dessas coisas, e isso me irrita.

– Não – respondo, em nome dos meus princípios.

Ele apoia os antebraços na barra e trava a mandíbula. A forma com que se inclina para a frente, ocupando o aparelho com todo o peso do corpo, deixa claro um movimento puramente territorial. Ele dá de ombros de um jeito indignado e definitivo.

– Bom, eu não vou sair daqui.

Estamos aprisionados pelo olhar um do outro, com nada além de Katy Perry cantando “Firework” baixinho na playlist da academia e um homem grunhindo no leg press a alguns metros de distância para aliviar o silêncio. Meus olhos estão secos e coçando por minha recusa em piscar, e a intensidade do olhar dele não demonstra nenhum sinal de fadiga.

Quando a voz de Katy Perry desaparece, sendo substituída por uma propaganda da Excalibur Fitness, deixo escapar um grunhido, um misto de suspiro e resmungo. Esse cara não vale minha energia. Pego meus fones de ouvido do chão e saio pisando firme até o rack menos agradável, mas não antes de lançar um último olhar maléfico.

11h05 – POST NO INSTAGRAM: “BABACAS QUE SE ACHAM OS DONOS DA ACADEMIA”, POR **CURVYFITNESSCRYSTAL**

Situação verídica: hoje de manhã um babaca arrogante com um cabelo mais bonito que o meu roubou meu rack de agachamento na maior cara de pau. Quem faz esse tipo de coisa? Se você faz, fala pra mim, QUAL É O SEU PROBLEMA?

Eu não conheço ele pessoalmente (e nem quero), mas me pareceu o tipo de gente que odeia cachorros e felicidade em geral. Sabe como é, né? De todo modo, acabei canalizando toda a minha raiva para o treino enquanto ouvia no último volume minha atual trilha sonora de academia favorita: “Fitness”, da Lizzo (sério, essa música é demais).

Considerações finais: a maioria das pessoas que frequentam a academia não é babaca. Juro. Cerca de 99% delas são superprestativas e educadas, incluindo os universitários bombados! E se você esbarrar com esse infeliz 1%, mantenha distância.

Jamais dê a eles poder sobre você ou sobre seu treino.

Obrigada por ouvir meu TED Talk,

Crystal

Comentário de **xokyla33**: É ISSO AÍ, garota! Você tem tooooda a razão. Você é livre pra fazer o que quiser!!! 

Comentário de **_jillianmcleod_**: Eu não me sinto confortável de treinar na academia exatamente por isso. Prefiro malhar em casa. 

Comentário de **APB_rockss**: Você defende que as pessoas amem o próprio corpo do jeito que é, mas vive na academia malhando o tempo inteiro? Hipocrisia que chama, né? 

Resposta de **CurvyFitnessCrystal**: **@APB_rockss** Na verdade, eu passo uma hora por dia na academia. Dedicar um tempo todos os dias para si mesmo, seja treinando, fazendo uma caminhada ou tomando um banho de banheira, é extremamente benéfico em todos os aspectos da vida, incluindo a saúde mental. Além disso, você pode amar seu corpo como ele é e ir à academia. Uma coisa não exclui a outra. 

DEPOIS DA TRETA DE ONTEM no Instagram, eu precisava muito de um banho de banheira para pensar na vida. Minha resposta à pessoa que me chamou de hipócrita acabou desencadeando um debate feroz e de proporções épicas entre meus fiéis seguidores e meus haters. Eu tento não dar um pingão de atenção aos haters, mas depois do Ladrão de Rack e duas taças de merlot, eu estava me sentindo levemente reativa. Algo que vinha acontecendo com mais frequência nos últimos meses.

Por sete anos, me esforcei para quebrar estereótipos nocivos e gordofóbicos no meio fitness. Conquistei 200 mil seguidores no Instagram com base na minha mensagem de nutrir o amor-próprio independentemente do tamanho do seu corpo. O drama sobre eu ser “grande demais” para atuar como personal trainer mas não “grande o suficiente” para representar pessoas gordas é típico no limbo também conhecido como seção de comentários. Não existe meio-termo.

Um raro body shaming violento e os eventuais insultos racistas foram se tornando mais comuns com o crescimento do meu número de seguidores. Com o intuito de manter uma mensagem positiva, tenho ignorado comentários de ódio. A questão é: eu amo meu corpo. Na maior parte do tempo. Mas também sou humana e de vez em quando os haters conseguem penetrar minha armadura. Quando isso acontece, me permito passar um tempinho chafurdando na lama da autopiedade. Depois, retribuo com um já conhecido dedo do meio em forma de *thirst trap* (uma selfie de corpo inteiro belíssima e sensual, para se ter uma noção do todo).

Mas ontem à noite, pouco antes de meus sais de banho de arco-íris com glitter se dissolverem por completo, me dei conta de que meus seguidores estão tão magoados com os comentários quanto eu, talvez até mais. Se eu quiser continuar a ser autêntica e fiel à minha plataforma body positive, talvez seja hora de começar a me posicionar.

O treino de hoje é o momento perfeito para refletir sobre minha estratégia. Mas, para meu desgosto, o Ladrão de Rack está de volta pelo segundo dia consecutivo. Está se alongando no Setor dos Marombeiros. Ele tinha mesmo que ter esse quadríceps magnífico?

O homem estreita os olhos na minha direção enquanto passo pela caçaca. Imediatamente, sua expressão neutra se transforma em uma careta, como se minha mera presença tivesse acabado com o dia dele.

Olho de esguelha antes de fingir que estou desviando minha atenção para as frases motivacionais genéricas coladas na parede, todas em uma fonte gritante: SE NÃO TE DESAFIA, NÃO TE TRANSFORMA.

Evitá-lo durante o treino é mais difícil do que eu esperava. Onde quer que eu vá, lá está ele na visão periférica, ocupando um espaço precioso com seu corpo esplendidamente musculoso.

Quando acordei de manhã, me passou pela cabeça que ele poderia ser um novato na academia, que ainda não entendeu a etiqueta da Excalibur Fitness. Eu pretendia dar a ele o benefício da dúvida. Talvez o cara só estivesse tendo um dia ruim. Talvez tivesse passado a noite inteira olhando para o nada, perturbado pelo arrependimento. Deus sabe que eu mesma já treinei muitas vezes movida pela força do ódio.

Todas essas opções deixam de fazer sentido quando ele entra numa de pedalar mais rápido do que eu na airbike ao lado. Quando flagro aquele homem olhando minha tela, ativo o modo Mulher-Maravilha e acelero com tudo.

Ao atingirmos a marca de vinte calorias, paramos, ofegantes, curvados sobre os suportes para os braços. Minha maquiagem “natural” já derreteu por completo, e estou com a visão turva. Mas meu esforço valeu a pena: eu o venci por três metros inteiros. Meu adversário ferve de ódio quando lê a informação na minha tela. Obviamente incapaz de lidar com a minha vitória, ele faz um bico e sai apressado em direção aos aparelhos.

Menos de meia hora depois, minha paciência chega ao limite quando o vejo se afastar do leg press sem se dar ao trabalho de higienizar o assento. As profundezas do inferno estão reservadas para quem não limpa os aparelhos após o uso.

Compelida a falar em nome de todos os frequentadores de academia que respeitam as políticas de higiene, coloco meus halteres no chão e vou marchando na direção dele.

O cara estava no meio de uma série de flexões de braço na barra fixa, parecendo orgulhoso por fazer o exercício sem grande esforço. Fico lá parada, boquiaberta, involuntariamente hipnotizada pelos músculos tensionados e bem delineados de seus braços se flexionando a cada movimento.

Ele tem um ar meio Chris Evans, mas com mechas um pouco mais longas e voluptuosas. Não sei se é o brilho em seus olhos de pálpebras caídas

ou as covinhas, mas ele tem um ar de menino que o faz parecer um pouco mais acessível quando não está olhando para mim de cara feia.

Ao perceber que o estou encarando feito uma tiete descontrolada, senta por uma selfie, ele interrompe o movimento e fica pendurado na barra.

– Como é a vista aí de baixo?

Estou prestes a dizer *divina*, não só porque é cem por cento verdade, mas também porque tenho o costume de elogiar as pessoas. É assim que eu ganho a vida. Mas a última coisa que esse cara precisa é de alguém inflando o ego dele.

Conscientemente, uno meus lábios em uma linha reta, reproduzindo a expressão séria que minha mãe faz quando está decepcionadíssima com minhas escolhas de vida. Faço a gentileza de estender uma toalha de papel, pré-pulverizada com bastante desinfetante, é claro.

– Não esqueceu nada?

Ele pisca.

– Não que eu saiba.

– Você se esqueceu de higienizar o leg press.

Ele solta a barra, aterrissando com suavidade enquanto olha para a toalha de papel entre meus dedos como se ela tivesse sido mergulhada em ácido sulfúrico.

– Tá tomando conta do meu treino?

– Não – respondo, um pouco na defensiva demais. – Mas você precisa limpar os aparelhos quando terminar o exercício. É a regra aqui. As pessoas não querem encostar no seu suor.

Eu me arrepio por dentro. Talvez também tenha inclinado a cabeça para o lado, numa postura do tipo alguém-chama-o-gerente-por-favor. Mas não posso recuar agora. Na verdade, vou um pouco além e aponto para a placa na parede à nossa direita, que diz *Favor limpar os aparelhos após o uso*.

Ele sequer se dá ao trabalho de olhar. Em vez disso, me encara com uma expressão de julgamento, os braços cruzados sobre o peito largo.

– Eu não terminei de usar o aparelho. Você não sabe o que são supersets? Tipo, quando você combina vários exercícios consecutivos...

– Eu sei muito bem o que é um superset! – disparo.

Sinto um calor subir da barriga até as bochechas ao me dar conta de que gritei com ele injustamente. Isso me mata. Em segredo, tenho vontade de me

enfiar num buraco escuro imaginário. Talvez seja o universo me punindo por me meter na vida alheia.

Ele lança um sorriso malicioso pra mim e, com seu ar arrogante, volta ao aparelho para outra série.

Como se essa interação revoltante nunca tivesse acontecido, escapo de volta para a obscuridade, a fim de filmar meu tutorial de treino para costas. É uma excelente oportunidade para promover a marca de roupas esportivas dry-fit que está me patrocinando.

Estou no meio da gravação de uma série de dez repetições quando o Ladrão de Rack se materializa do nada. Ele decide estacionar seu corpo gigantesco, dentre todos os lugares possíveis, bem na frente da câmera. Em minha fúria silenciosa, perco a concentração por completo, sem conseguir lembrar se estou na primeira ou na décima repetição.

Ele se inclina preguiçosamente contra o aparelho, com um sorriso presunçoso que estou começando a achar que é a expressão natural de seu rosto.

– Sim? – pergunta entredentes, irritada com a perspectiva de ter que refilmar a série inteira.

Ele tira uma toalha de papel de trás das costas e a sacode bem na frente do meu rosto.

– Aqui. Pra você não esquecer de limpar o banco.

Seu tom sarcástico combinado com o sorriso de escárnio me diz que ele não está fazendo isso movido pela bondade que há em seu coração. É um ato hostil e agressivo, que cimenta nossa rivalidade.

Antes que eu seja capaz de formular uma resposta para lhe dar um corte, ele joga a toalha de papel no meu colo e sai andando casualmente em direção ao vestiário.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

